

MULHERES NO CONTEXTO DA CIÊNCIA

Maria Inez Barboza Marques (Docente Curso de Serviço Social), e-mail:
maria.marques@unespar.edu.br

Universidade Estadual do Paraná UNESPAR/Campus Paranavaí

Resumo: Tem como objeto de discussão “as mulheres no contexto da ciência” e como objetivo evidenciar a desigualdade entre homens e mulheres nesse âmbito. Foi utilizada uma revisão bibliográfica a partir de autoras que aprofundam a temática. Os resultados evidenciaram que as construções sociais que levam às desigualdades entre homens e mulheres são presentes também na história do conhecimento científico e que há caminhos ainda a percorrer para a conquista dessa paridade.

Palavras-chave: ciência, conhecimento científico, desigualdades entre homens e mulheres.

Introdução

O texto aborda a desigualdade das mulheres em relação aos homens no contexto da produção do conhecimento científico, com ênfase nas construções históricas, mas também nos interesses do “mercado” em incluir as mulheres na ciência no âmbito da mudança que ocorreu no modo de produção capitalista nas décadas de 1970 e 1980.

Materiais e métodos

Trata-se de um texto construído a partir de revisões bibliográficas.

Resultados e Discussão

Bandeira (2008, p. 208) esclarece que a produção do conhecimento científico vem sendo considerada, ao longo da história, como um domínio “reservado” aos homens. Essa constatação não significa que as mulheres foram excluídas totalmente do processo, mas que as resistências existentes à presença delas no campo científico são perceptíveis e ainda chamam atenção.

A mesma autora ressalta que as especificidades da crítica feminista à ciência, sua centralidade, está voltada para a forma de organização do mundo social e natural, que é materializado nas relações sociais bem como nas

relações cognitivas, éticas e políticas entre homens e mulheres. Assim também se expressam os significados dessas relações sociais no mundo simbólico (e da ciência).

Para a autora, foi a crítica feminista que trouxe à tona a consciência histórica reconstruída, dando visibilidade a um sistema de dominação masculino, contrário às mulheres que se colocavam como substrato à produção do conhecimento científico.

Assim, o desafio da crítica feminista foi, precisamente, o de contrapor-se aos hegemônicos eixos epistemológicos e conceituais – categorias, conceitos e métodos – para não reproduzir como espelho distorcido as próprias categorias do sistema de dominação científica que tomou como objeto da crítica. Para isso foi necessário propor e assumir conceitos provisórios e perseguir abordagens teóricas não definitivas, escapar da ordem simbólica dominante e pensar temporalidades múltiplas, uma vez que o conhecimento científico implica também em um sistema de dominação (BANDEIRA, 2008, p. 211).

Bandeira (2008) enfatiza que a história tem as marcas dos grandes filósofos e pensadores, e que as mulheres estiveram ausentes das discursivas históricas, científicas, filosóficas e culturais. De acordo com a autora, Francis Bacon e os outros fundadores da “Royal Society” não permitiam e impediam a presença de mulheres nas universidades. Eram admitidos apenas pensadores e cientistas homens.

Conforme Bandeira (2008), a exclusão das mulheres era justificada não só pela naturalização, mas também pelo mito da incapacidade e obscurantismo delas. Ao contrário dos homens, que eram notados pela capacidade e objetividade.

A partir das décadas de 1960 e 1970, ocorreu um conjunto de fatores que conspiraram para estimular as mulheres a ingressarem na ciência.

Em 1964 o Título VII da Lei de Direitos Civis (posteriormente reforçada pela Lei de Igual Oportunidade de Emprego de 1972) proibia discriminação baseada em sexo na educação e emprego. Passara o tempo em que o diretor do departamento de bioquímica da Cornell University podia recusar um candidato qualificado, simplesmente por ser mulher. O lançamento do Sputnik, em 1957, desencadeou um frenesi de recrutamento, estimulado pelo senso de que os Estados Unidos precisavam de mais cientistas para manter seu perfil competitivo. Nesta atmosfera, mesmo mulheres e minorias figuravam como recursos nacionais valiosos. Isso, juntamente com o

movimento das mulheres renovado da década de 1970, produziu um *boom* na participação das mulheres na ciência - um *boom* intensificado por um financiamento governamental de programas designados para atrair mais minorias e mulheres para a ciência e engenharia. Em torno de 1995, 23 por cento dos cientistas e engenheiros dos EUA eram mulheres (SCHIENBINGER, 2001, p. 73).

Schienbinger (2001) esclarece que as questões suscitadas levam à compreensão da desigualdade entre homens e mulheres no campo da ciência e do conhecimento científico. A história dos primórdios das mulheres na ciência nos ensina diversas coisas. Em primeiro lugar, ensina que as instituições científicas assumiram diferentes formas através dos séculos, e que a estrutura dessas instituições pode tanto encorajar como desencorajar a participação das mulheres. Em segundo lugar, ela revela que, nas modernas sociedades industriais, a divisão de trabalho entre emprego e lar permanece ainda um obstáculo ao ingresso das mulheres nas profissões. E, em terceiro lugar, a história ensina que o êxito das mulheres nas ciências depende de uma variedade de fatores, que são interdependentes:

O prestígio das instituições científicas, os acasos de guerra e paz, o clima político, a estrutura da família *vis-à-vis* à economia. Muitos dos problemas que as mulheres enfrentam na ciência, hoje, responsabilidades domésticas versus profissionais, o relógio da carreira acadêmica versus o relógio biológico - têm raízes históricas profundas (SCHIENBINGER, 2001, p.74).

Em quarto lugar, Schienbinger deixa claro que a história descarta o mito do progresso inevitável, no que diz respeito às mulheres na ciência. Na verdade, há um senso (comum) de que a natureza segue seu curso, que em dado tempo as coisas se endireitam sozinhas. Todavia, a história das mulheres na ciência não foi caracterizada naturalmente por uma marcha de progresso, mas sim por ciclos de avanços e recuos. A situação das mulheres mudou junto com as condições sociais que foram sendo construídas nos diferentes processos históricos (SCHIENBINGER, 2001, p. 74).

Interessantes os esclarecimentos da autora sobre a situação das mulheres na ciência após a década de 1970, nos Estados Unidos. Schienbinger ressalta que as estatísticas sobre mulheres na ciência começaram seriamente a ser organizadas e divulgadas na década de 1970

como parte de um projeto para aumentar seu número. Sendo assim, conforme a autora, desde 1982 a *National Science Foundation* [Fundação Nacional de Ciência] tem produzido livretos com títulos como *Mulheres e Minorias na Ciência e Engenharia* e *Mulheres, Minorias e Pessoas com Invalidez na Ciência e Engenharia*. Tornou-se comum que livros e conferências sobre mulheres na ciência comecem com levantamentos estatísticos. (SCHIENBINGER, 2001, p. 75).

Tais esclarecimentos realizados pela autora levam a refletir sobre essa iniciativa tomada no mesmo período em que se iniciavam as medidas para a implantação das políticas neoliberais em nível mundial, aliadas à gênese da mudança no padrão de acumulação capitalista nesse período.

Considerações finais

Compreender e interpretar a participação das mulheres na construção do conhecimento científico é necessário para entender o movimento do capital que levou ao crescimento do aumento do número dessas nesse contexto. Por outro lado, é inevitável o reconhecimento dos movimentos feministas para as conquistas das mulheres “no mundo da ciência”, mas, uma leitura crítica, evidencia que o padrão de acumulação capitalista no bojo do movimento neoliberal nas décadas de 1970 e 1980, impulsionaram esse processo.

Agradecimentos

Agradeço às pessoas queridas que fazem parte do Grupo de Pesquisa Gênero, Trabalho e Políticas Públicas.

Referências

BANDEIRA, Lourdes. A contribuição da crítica feminista à ciência. **Estudos Feministas**. Florianópolis. Janeiro-abril, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2008000100020&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 ago. 2014.

MARQUES, M. I. B. **Divisão sexual do trabalho e suas expressões:** reflexões a partir do trabalho docente em Serviço Social na Universidade

Estadual do Paraná (UNESPAR). 2015. Tese. (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

SCHIENBINGER, Londa. **O Feminismo Mudou a Ciência?** Bauru/SP: EDUSC, 2001.